

# O trabalho entre chegadas e partidas

Eles trabalham no Terminal Rodoviário de Belém e falam da experiência de ganhar o sustento em um local onde o fluxo de pessoas embarcando ou chegando dos mais diversos lugares do Pará e outros estados é grande

## TERMINAL RODOVIÁRIO

Cintia Magno

A cidade ainda re- toma gradativa- mente o movi- mento rotineiro nas manhãs de segunda- feira quando, dentro do Terminal Rodoviário de Belém, a circulação de pes- soas já é intensa. Passos acelerados seguem em di- reção à área de embarque, sacolas são suspensas ao alto para garantir mais agi- lidade ao percurso, as mãos tateiam os bolsos, apressa- das, em busca da passagem. Os destinos escolhidos por quem transita pela rodo- viária são os mais diversos. Já para quem tem no flu- xo intenso de passageiros a oportunidade de garantir o próprio sustento, o destino de todos os dias é um só.

Há 29 anos a rotina de Domingos Santos, 59 anos, é a mesma. Ele sai de casa bem cedo e se diri- ge ao bairro de São Brás rumo à rodoviária que co- necta Belém a diversos ou- tros municípios paraenses e, também, a outros esta- dos. Apesar das inúmeras opções listadas nos guichês das empresas de transpor- te que oferecem passagens, o trajeto de Domingos tem o seu ponto de chegada ali mesmo, na estação. A postos para desempenhar o trabalho mantido há qua- se três décadas, basta que chegue um passageiro pre- cisando de ajuda com uma grande quantidade de ba- gagens para que o carregador entre em ação. “Eu es- tou desde novo nessa fun- ção. Comecei como suplen- te, quando faltava alguém eu vinha e assumia”.

Com o passar do tempo, a necessidade da atuação de Domingos se tornou diária e ele se firmou como um dos carregadores que atu- am no terminal rodoviário carregando as bagagens de passageiros que seguem vi- agem nos ônibus intermu- nicipais e interestaduais. No carrinho de ferro em- purrado com muita habili- dade vão malas, caixas, sa- cos de farinha, isopor e um pouco da história de passa- geiros que se deslocam por diferentes motivos. Apesar das muitas histórias ouvi- das durante o trabalho, a experiência que mais mar- cou Domingos nesses 29 anos de profissão é re- cente e foi protagoniza- da por ele mesmo. “O que mais marcou foi quan- do peguei esse coronávi- rus. Eu senti uma fraqueza, uma fraqueza que só ven- do”, recorda. “Foram qua- tro meses arriado até eu conseguir me recuperar”.

Recuperado, a volta à ro- tina intensa de empurrar o carro cheio de bagagens por toda a extensão da ro- doviária precisou ser reto- mada aos poucos. De iní- cio, Domingos conseguia trabalhar dois dias e para- va por mais dois. Até que se sentisse bem para retor- nar à carga horária diária. “Continua a mesma coi- sa, o trabalho não mudou muito nesses anos todos. Só o que mudou mesmo foi o movimento (na rodo- viária) que há 30 anos era bem maior. Mas vamos le- vando a vida como dá”.

Assim como Domingos, outros 50 carregadores, di- vididos entre o Termi- nal Rodoviário e o Ter- minal Hidroviário de Be- lém, exercem a tradicio- nal profissão. No caso do Raimundo Figueiredo Ro-



“

**Eu estou desde novo nessa função. Comecei como suplente, quando faltava alguém eu vinha e assumia”**

Domingos Santos, carregador



## EM IMAGENS

1 Domingos Santos

2 Raimundo Figueiredo Rodrigues

3 Jéssica da Silva

4 Rita de Cássia

5 Nelma Rocha

FOTOS: MAURO ÂNGELO



## Oportunidade de retornar ao mercado formal

No caso da atendente Nelma Rocha, 41 anos, o ritmo do movimento no terminal rodoviário é acompanhado a menos tempo, há cerca de seis meses, desde que ela começou a trabalhar em uma das lanchonetes instaladas no local. Há dois anos sem trabalhar fora de casa, desde que o filho nasceu, foi no terminal que ela encontrou a oportunidade de retornar ao mercado formal. “Para mim está sendo ótimo, não tenho do que reclamar. Para mim que estava parada, é muito bom voltar”, considera. “O movimento é muito bom, principalmente no final de semana e dia de segunda-feira. Sempre tem alguém querendo comer alguma coisa rápida para já embarcar”.

drigues, a função foi her- dada do pai, que partici- pou da fundação do Sindi- cato dos Carregadores, há 83 anos. No caso dele pró- prio, a profissão teve iní- cio há cinco anos, tem- po suficiente para vivenci- ar experiências que nun- ca mais saíram da memó- ria. “A gente vivencia mui- ta situação, principalmen- te de pessoas que estão passando por situações di- fíceis e que a gente aca- ba ajudando”, lembra Rai- mundo. “Já teve situação de pessoas que estavam presas e que saíram, com o alvará de soltura e tudo na mão, e que veio para cá sem saber como voltar pro município deles por- que não tinham dinheiro nenhum. A gente tenta de alguma forma dar um jeito de ajudar, faz uma coleta”.

Muitas histórias de vida, e de necessidade, também acabam compari- lhas pelos passagei- ros no guichê de perso- nalizados onde a aten-

dente Jéssica da Silva, 30 anos, trabalha há dois anos. Próximo à área de embarque dos passagi- ros para as plataformas de onde saem os ônibus, ali também são ouvidas as histórias de quem chega e de quem vai. “Já passa- mos situações maravilho- sas. De pessoas que es- tavam em uma situação difícil e a gente acabou ajudando de alguma for- ma. Aí depois de tempos, a gente nem lembrava mais, mas a pessoa voltou e veio agradecer a gen- te”, lembra Jéssica. “Mui- tas pessoas viajam por problema de saúde, para fazer algum tratamento. São muitas histórias mes- mo e muita gente aca- ba desabafando aqui com a gente. Quando a gente vê já estão contando”.

Cada passageiro que cru- za a catraca em direção ao embarque leva consigo um motivo e um destino cer- to. De longe, Rita de Cássia, 52 anos, acompanha a mo- vimentação, quase sempre apressada, dos que sobem as escadas rumo às plata- formas. A funcionária tra- balha na limpeza da rodo- viária e, quando necessário, presta apoio na área das ca- tracas. Nesses três anos em que tem no terminal o seu local de trabalho, nunca su- biu as escadas rumo a uma viagem. Sonho que ela pre- tende concretizar um dia. “Eu ainda não pude via- jar, mas eu quero. Eu que- ria ir para Curitiba por- que eu tenho uma tia que mora lá”, planeja. “Mas eu gosto dessa movimentação de gente indo e chegando. Eu gosto do meu trabalho”.

## SUSTENTO

Enquanto dezenas de passageiros transitam apressados pelo Terminal Rodoviário de Belém, trabalhadores não medem esforços para garantir os serviços funcionando e para obter o próprio sustento.